

## A Nostalgia da Fusão e o Regresso ao Andrógino Primordial

### *The Fusion Nostalgia and the Return to the Primordial Androgynous*

MANUELA RUAS, JEAN-MARTIN RABOT E SILVANA MOTA RIBEIRO<sup>1</sup>

#### **Resumo**

A origem da Humanidade esteve sempre associada à fragmentação da totalidade, que implementa uma visão bipolar do Mundo e do ser humano. Inerente à psique humana, a androginia é “o mais antigo arquétipo” porque resulta do “arquétipo do Absoluto” (Singer, 1990). Este estado suplanta a experiência humana por ter a sua essência na ancestralidade psíquica e divina da Humanidade.

Perante a magnitude temática, longe de elucidar o paradoxo ecuménico dos sexos, este artigo pretende partilhar um interseccionar de ideias e doutrinas cuja finalidade comum é o regresso ao ser Primordial, uno, perfeito e feliz.

**Palavras-chave:** Androginia; mito; género; identidade; imaginário

---

#### **Abstract**

The origin of humankind has always been associated with the fragmentation of a unity, which implements a bipolar view of the world and human being. In the human psyche, androgyny is “the oldest archetype”, as it results from the “archetype of the Absolute” (Singer, 1990). This state surpasses the human experience as its essence lies on the psychic and divine ancestry of humankind.

Given the subject’s magnitude, far from elucidating the ecumenical paradox of the sexes, this article aims at sharing an interconnection of ideas and doctrines, whose common purpose is the return of the Primordial being, unique, perfect and happy.

**Keywords:** Androgyny; myth; gender; identity; imaginary

---

<sup>1</sup> Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Campus de Gualtar, Universidade do Minho, Braga, ID3811@alunos.uminho.pt; jmrabot@ics.uminho.pt; silavanr@ics.uminho.pt

“Noûs (Intelecto) primogénito foi o Nomos (a Lei  
Geradora de tudo,  
O Segundo a seguir ao primogénito foi o Caos transbordante,  
A Terceira a ser criada foi Psyche,  
Com a responsabilidade do Nomos,  
Revestindo para isso a forma de uma gazela na bruma  
Amada pela morte, foi vencida.  
Ora tendo na mão o ceptro vê a luz  
Ora fica a chorar, escondida na gruta.  
Ora se alegra, ora se lamenta,  
Ora julga, ora é julgada,  
Ora morre, ora nasce.  
A infeliz penetrou, errante,  
Num labirinto de males sem fim.  
Mas Jesus disse: Vê, Pai,  
Esta procura dos males da terra  
Que se desenvolveu a partir do teu Sopro;  
Ela tenta fugir do Caos amargo  
E não sabe por onde ir.  
Envia-me em missão, Pai.  
Descerei, com os selos,  
Atravessarei todos os Éons,  
Desvendarei todos os mistérios,  
Revelarei as formas dos deuses  
E chamarei Gnose aos segredos do Santo Caminho,  
farei a sua transmissão”<sup>2</sup>  
(in Borgeaud, 1996: 148).

## 1. INTRODUÇÃO

Se há palavras cuja permanência na língua é semanticamente plurissignificativa, a androginia é uma delas. Se é plural na sua etimologia, porque é o Um que contém o Dois, a saber o masculino (andro) e o feminino (gyne), é-o ainda mais, tal como salienta Fabio Lorenzi-Cioldi, na sua obra *Les androgynes* (1994), nos mitos, nas ciências, assim como particularmente, na psicologia social.

Porque haveria necessariamente dois sexos? Será um sofismo? As reações face à androginia parecem simultaneamente positivas e negativas pois este fenómeno complexo consegue “enlear figuras concretas, descreditadas a símbolos abstratos e idealizados” (Lorenzi-Cioldi, 1994: 2).

Muitas são as teorias que preconizam que só a manifestação do Yin e do Yan num mesmo individuo é que permite conquistar uma androginia psíquica geradora: no fundo, o alcance de um estado primordial idêntico ao do Adam Kadmon que potencia transformações psicológicas, cujo destino final é o tão ambicionado equilíbrio. A androginia ultrapassa as fronteiras do masculino e do feminino assim como todos os dualismos psicológicos e culturais associados. Diremos tal como Jean Libis que “Ele edifica uma personalidade que denota a originalidade, a singularidade, a autenticidade,

<sup>2</sup> Hino pertencente ao culto de Attis entre os gnósticos.

a excentricidade em relação aos grupos de pertença. Ser completo faz renascer a ideia de perfeição que existia no “começo” e anuncia uma escatologia” (Libis, 1994: 4).

## 2. A ESFINGE ANDROGÍNICA NO ESPECTRO DA SIMBÓLICA

“Tornarmo-nos esfinges, ainda que falsas, até chegarmos ao ponto de já não sabermos quem somos. Porque, de resto, nós o que somos são esfinges falsas e não sabemos o que somos realmente. O único modo de estarmos de acordo com a vida é estarmos em desacordo com nós próprios. O absurdo é o divino.” (Pessoa, 1997: 29)

Tomando como exemplo uma das mais imponentes manifestações androgínicas, a Esfinge de Gizé, Sâr Péladan afirma que o vocábulo que melhor a define não é “Andro-esfinge” mas antes “Andrógino-esfinge”, e por isso, “representa, esotericamente, o estado inicial do Homem, idêntico ao seu estado final”<sup>3</sup> (Péladan, 2010: 17). A Esfinge não representa apenas um monstro com cabeça de homem, colo de mulher e corpo de felino colossal. “A cabeça pensa, os seios suscitam o desejo de onde por sua vez nasce a paixão e o seu fruto a geração enquanto a animalidade mantém a forma do homem” (Péladan, 2010: 16).

Segundo Gilbert Durand, a simbólica do animal representaria a figura da libido sexual. Assim, a Esfinge constitui o resumo de todos os símbolos sexuais, “animal terrível derivado da mãe” (Jung, 1932: 205) e está ligada ao destino incestuoso de Édipo. Pois, também segundo Jung, para os nossos antepassados, a serpente, o peixe e o pássaro eram tidos como símbolos fálicos (Jung, 1932: 26). A prova desta sexualização “teriomórfica”, ronda a bestialidade, ao recordar que as meretrizes sagradas, as hierodulias do *Livro de Job* que se entregavam a bodes (Durand, 1992: 74).

A Esfinge constitui o resumo de todos os símbolos sexuais, animais terríveis, derivados da mãe. Ela representa o Todo. É o monstro por excelência, o ser híbrido que desafia a ordem natural dos sexos e simultaneamente enquadramento na visão bipolar do género, impossibilitando qualquer classificação no arquétipo, sublimando o género. “A androginia é um arquétipo inerente na psique humana” (Singer, 1990: 27). É “o mais antigo arquétipo” porque resulta do “arquétipo do Absoluto”. Por ter a sua origem na ancestralidade psíquica e divina da Humanidade, este estado ultrapassa a experiência humana, motivo pelo qual, segundo o que escreve June Singer, no seu livro *Androginia: Rumo a uma Nova Teoria da Sexualidade*, esta “deverá permanecer incognoscível para sempre” (Singer, 1990: 27).

<sup>3</sup> Esta tradução é da nossa autoria e responsabilidade assim como todas as traduções de língua francesa para língua portuguesa, e língua inglesa para língua portuguesa, constantes no presente artigo, referentes às obras de Blake, 2003; Durand, 1992; Deghaye, 1986; Freud, 2001; Keynes & Blake, 1956; Lancaster, 2006; Libis, 1980, 1986; Lorenzi-Cioldi, 1993 e Péladan, 2010.

### 3. O DESCONCERTO DA AMBIGUIDADE SEXUAL ANDROGÍNICA

História do Céu e de Crono

(...)

Veio com a noite o grande Céu, ao redor da Terra  
desejando amor sobrepairou e estendeu-se  
a tudo. Da tocaia o filho alcançou com a mão  
esquerda, com a destra pegou a prodigiosa foice  
longa e dentada. E do pai o pênis  
ceifou com ímpeto e lançou-o a esmo  
para trás. Mas nada inerte escapou da mão:  
quantos salpicos respingaram sanguíneos  
a todos recebeu-os a Terra; com o girar do ano  
gerou as Erínias duras, os grandes Gigantes  
rútilos nas armas, com longas lanças nas mãos,  
e Ninfas chamadas Freixos sobre a terra infinita.  
O pênis, tão logo cortando-o com o aço  
atirou do continente no undoso mar,  
aí muito boiou na planície, ao redor branca  
espuma da imortal carne ejaculava-se, dela  
uma virgem criou-se.

Primeiro Citera divina

atingiu, depois foi à circunfluída Chipre  
e saiu veneranda bela Deusa, ao redor relva  
crescia sob esbeltos pés. A ela. Afrodite  
Deusa nascida de espuma e bem-coroadada Citeréia  
apelidam homens e Deuses, porque da espuma  
criou-se e Citeréia porque tocou Citera,  
Cípria porque nasceu na undosa Chipre,  
e Amor-do-pênis porque saiu do pênis à luz.  
(Hesíodo, *in* Torrano, 1995: 92-94)

Fábio Lorenzo-Cioldi, na sua obra *Les androgynes* (1994), imprimindo um novo pensamento, dedica um capítulo ao que designa de “Indivíduo camaleão” salientando que as abordagens feitas ao tema da androginia, no que concerne a presumível origem do masculino e do feminino nos indivíduos, devem ser analisadas à luz das normas culturais que descrevem os papéis atribuídos a cada género. Isto porque, segundo o autor, a identidade sexual provém do exterior e não do interior do indivíduo. O andrógino, na floresta cultural e densa dos papéis dos dois sexos, abre o caminho para o vale frutificado de um éden virginal. Nesta linha de pensamento, Jaa Torrano, um pouco à semelhança do pensamento Junguiano, acrescenta que esta diferenciação entre o masculino e o feminino assenta numa espécie de complementaridade dos opostos. Para este mesmo autor, este concebimento parece residir num esquema conceptual fortemente enraizado no inconsciente coletivo e escreve na sua obra *Hesíodo: Teogonia, A Origem dos Deuses* (1995):

“As figuras que o pensamento arcaico elaborou são, frequentemente, como que centro de *coincidentia oppositorum*. Reunindo em si atributos contraditórios, aspectos díspares e conflituantes da realidade, estas figuras os transcendem e integram em seu ser profundo, e podem revelar-se sob aspectos antitéticos” (Torrano, 1995: 31).

Conclui-se que a ambiguidade sexual é uma constante, facto que ainda se torna mais estranho ao senso comum, quando este Ser, com aparência feminina ou masculina, manifesta ações ou comportamentos atribuídos ao sexo oposto, tais como o ato de parir; “dar-se à Luz” num ato “autogerador”, ou “dar à luz”, gerando outro ser. Um ato “inconcebível” mas que sempre povoou o imaginário coletivo e que Jean Libis, na sua obra *Le Mythe de l'Androgyne* (1980), alude da seguinte forma:

“O agente inicial retira dele próprio a presença do sexo oposto, onde os dois sexos parecem coexistir inicialmente embora frequentemente num estado de indiferença mútua mais ou menos pronunciada” (Libis, 1980: 32).

Neste entrecruzar de ideias, não podemos deixar de recordarmos o magnífico quadro de Sandro Botticelli que apresenta um nascimento tal como que acabamos de supracitar, *O Nascimento de Vênus*. Com efeito, Afrodite, a Deusa do Amor, segundo o poema mitológico de Hesíodo, conhecido por *Teogonia*, nasce da espuma quando Cronos castra Urano e os seus órgãos genitais, arremessados ao mar, tocam a água. Furtivamente, Hesíodo deixa transparecer nestes versos uma certa subtileza anedótica mítica. Pois, a Deusa que simboliza o amor, a beleza e a sexualidade, reveste também um carácter inefavelmente fálico. Daí que, segundo Jean Libis (1980: 36-37), seja exatamente o protótipo da “mulher fálica”, o que, consideramos, por analogia, também equivaler hoje ao conceito de mulher alfa (mulheres tais como Hilary Clinton, Dilma Rousseff, Angela Merkel, ou ainda num passado próximo, Margaret Tacher, romperam o conceito do “homem provedor” e assumiram papéis de liderança). Comprova-se assim, sem adotar uma posição radicalmente feminista, que o desconcerto e desconforto social que provoca a ambiguidade sexual ainda hoje atazana a mente contemporânea.

#### **4. A SACRALIZAÇÃO DO SEXO E A PONTE COM O DIVINO NA FUSÃO ANDROGÍNICA**

Segundo a opinião de Camille Paglia (1993: 15), a sexualidade seria “um ponto de intersecção” que liga o homem à natureza. “Essa intersecção é a misteriosa encruzilhada d’Hecate, onde tudo retorna à noite. (...) É o lugar além dos confins, ao mesmo tempo amaldiçoado e encantado”, um paradoxo que tem um sentido, já que obtém o equilíbrio nas dualidades que se opõe. “Intersecções” que se desmascaram em Agostinho Carracci (1557- 1602), em quadros imbuídos de erotismo sagrado, tais como os de *Júpiter e Juno* ou ainda *Bacchus e Ariane*, *Ovide et Corine* e outros mais.

Por outro lado, em muitas religiões politeístas ou de carácter animista, os ciclos míticos cosmológicos sedimentam-se por uniões sexuais sagradas, “hierogamias” primordiais – uma espécie de ritual “sinalagmático”.

Ainda a propósito de relações sagradas, Jaques-Antoine Dulaure relata, na sua obra *O culto do Falo* (1998) rituais noturnos, chamados *sabbath*, que envolviam bodes e bois que, por sua vez, simbolizavam deuses gregos e egípcios tais como: Pã, Príapo, o

Touro Apís, o bode de Mendes<sup>4</sup>. Assim, referindo-se a um destes rituais, Dulaure narra na obra supracitada: “As mulheres descobriam-se muito indecentemente perante o touro Apís: faziam a mesma coisa perante o bode Mendes ou de Quémnis e levavam mesmo muito longe a sua devoção estranha. Na intenção, sem dúvida, de destruir o pretense feitiço que as mantinha num estado de esterilidade, ofereciam-se ao bode sagrado e entregavam-se ao seu ardor brutal” (Dulaure, 1998: 27).

Um dos rituais sexuais famosos é o descrito na obra *O Código da Vinci* de Dan Brown, em que os intervenientes acreditavam que podiam, através da relação sexual, trocar conhecimento e lançar uma profunda experiência religiosa. A este propósito, recordamos as palavras da personagem Langdon dirigidas a Sophie:

“Historicamente, a relação sexual era o acto através do qual o macho e a fêmea experimentavam Deus. Os Antigos acreditavam que o homem era espiritualmente incompleto até conhecer carnalmente o sagrado feminino. A união física com a mulher recordava o único meio através do qual o homem podia tornar-se espiritualmente completo e, em última análise, chegar à gnosis o conhecimento do divino. Desde os tempos de Ísis que os ritos sexuais eram considerados a única ponte da humanidade entre a terra e o céu. — Ao comungar com a mulher — continuou Langdon —, o homem conseguiu atingir um instante climático em que a sua mente ficava totalmente vazia e ele conseguia ver Deus” (Brown, 2004: 313).

Numa perspetiva mais tântrica, consignada à sacralização do sexo, André Van Lisebeth, na sua obra *Tantra, o culto da Feminilidade - Outra visão da vida e do sexo* (1994), assevera que é quando o homem e a mulher estão unidos (siwurga), na sua condição de macho e fêmea, que se dá o reencontro e estabelece a ponte com o Eterno e a Sabedoria cósmica. É na fusão das duas metades perdidas que se reestabelece a união da alma. Uma simbiose alquímica que Rémi Boyer retrata sublimemente, no seu livro *Poeiras de Absurdidade Sagrada. Livro Solar* (2011), da seguinte forma: “Os corpos unem-se, os suores vêm-se juntos, as salivas misturam-se em ligas subtis, a Água de Diana recebe Mercúrio de Fogo, os corpos confundem-se, as almas alinham-se e fundem-se. O Ser permanece. A Seidade goza pelo movimento da Vontade Absoluta” (Boyer, 2011: 35)

Assim, para manter um equilíbrio de poderes, os antigos acreditavam que era necessário que as forças divinas também atuassem nesse sentido. Pois, só quando o masculino e feminino, o Yin e o Yang, se unissem é que a harmonia no mundo poderia ser repostada. Quando se desestabilizavam, instaurava-se-se o caos. A escoltar esta mesma linha de pensamento, pode ler-se em *Le Mythe de L'Androgyne* de Jean Libis: “Frequentemente, o andrógino ou o casal primordial, ou dominante, surge como duas figuras reversíveis, mutáveis. A androginia inicial gera o casal que tende, por sua vez, à reconstituição da fusão original” (Libis, 1980: 34).

<sup>4</sup> O bode era usado para representar diversos deuses do panteão egípcio, entre eles Set, Rá e Amón.

## 5. A BUSCA DO PARADIGMA PERDIDO DO ANDRÓGINO

O desvendar as origens da Humanidade assim como o desejo de retornar ao Uno, rumo ao Andrógino, parece um conceito oriundo do inconsciente coletivo que tem representado um dilema existencial obsessivo. Sem uma trilha certa, muitos têm sido os caminhos adotados, abeirando a “metafísica da sexualidade” (Libis, 1980) em busca do conhecimento redentor. Já que para Jean Libis: “Trata-se em suma de curar o homem e a mulher das mutilações que foram infligidas pelos deuses nas orlas de um passado sem idade, um passado anterior, exterior e heterogéneo no presente” (Libis, 1994: 4).

A face do sexo oposto no ser é como pedra caída no poço do *id* freudiano. A incógnita da equação androgínica esconde-se nos recônditos do inconsciente do homem e da mulher. Na mulher uma parte do inconsciente seria masculina, e a mesma parte no homem seria feminina, uma teoria divinamente expressa na obra *O Banquete* de Platão. Com efeito, Aristófanes apresenta a idealização de um estado original em que a humanidade, em tempos remotos, era constituída por três espécies, a saber: homem, mulher e andróginos. Estes seres esféricos eram de uma força e coragem fora do vulgar pois neles tudo era a duplicar, até mesmo os defeitos. Tinham quatro membros, duplos por serem dois corpos numa mesma alma: homem-homem, mulher-mulher e homem-mulher. Ao serem castigados pelo divino, tornam-se metades deles próprios e por isso incompletos, homens e mulheres privados de uma identidade enquanto pessoa. Com o ímpeto de regressar à felicidade, à unidade original de ser único, estão condenados a procurar a sua alma gêmea na existência empírica. Esta ideia de retoma da felicidade graças à recuperação do próprio “Eu” é segundo o pensamento jungiano uma manobra de *individuatío*, uma individualização que vai além dos princípios físicos e sociais. Conquanto, para acionar e levar a cabo este processo de individualização, homem e mulher devem integrar a parte do inconsciente no consciente, unindo o masculino ao feminino, formando assim a totalidade.

Porém, tal como o referimos num artigo nosso anterior, intitulado “O estilo andrógino contemporâneo : um desvio do imaginário em busca de um novo arquétipo do género?”, (2013) recordamos que:

“Esta é uma fusão alquímica que resulta de um percurso custoso em que o Homem tem de confrontar os seus “daimons”, dualidades que deve equilibrar a fim de conceber e fazer parir dele próprio, tal um Zeus gerador, o Rébis: o Andrógino, a Pedra Angular que perfaz a Obra. É porventura, por esta crença que o Rebis, para muitos românticos alemães representou a nova humanidade, o símbolo máximo de acabamento de Obra (Centeno, 1987), a pedra angular” (Ruas & Rabot, 2013: 78).

Este parece ter sido um pensamento que atraía a própria filosofia ariana; doutrinas que cativaram não só Franz von Baader, sucessor de Jacob Böhme, como também Johann Gichtel, e que Yvette Centeno comenta da seguinte forma: “Para Baader, o andrógino existiu no princípio e existirá no fim dos tempos, e o encontro do homem e da mulher significa apenas a reintegração da imagem de Deus por

parte de ambos, numa prefiguração transitória e imperfeita da eterna e perfeita coincidência dos opostos que caracteriza a divindade” (Centeno, 1987: 64).

## 6. ENTRE CÉU E TERRA: O PODER GERADOR DA DUALIDADE

“Deus é toda a realidade, mas nem toda a realidade é Deus”  
Moisés Cordovero

No trecho intitulado “Argumento” da sua obra *The marriage of Heaven and Hell*<sup>5</sup> de 1793, William Blake, poeta e pintor, expõe as vicissitudes do pensamento dualístico veiculado por exegéticas literais da Bíblia e diz: “Sem contrários não há evolução. Atração e repulsão, razão e energia, amor e ódio, são necessários à existência humana. Destes contrários, brota o que o religioso chama de Bem e Mal. O bem é o passivo que obedece à razão; o Mal é o ativo gerado da energia. O bem é Céu. O Mal é inferno. A voz do Diabo” (Blake, 2003: 3).

Mais adiante, no trecho intitulado “A voz do Diabo”, referindo-se talvez à sua aceção de inexistência da dualidade, mas sim de uma única emanação que aparentemente se cinde, Blake escreve: “Todas as bíblias ou códigos sagrados têm sido a causa dos seguintes erros:

- Que o Homem possui dois princípios reais de existência: um corpo e uma alma
- Que a energia, denominada Mal, provem unicamente do corpo. E a razão, denominada Bem, deriva tão-somente da alma.
- Que Deus atormentará o Homem pela Eternidade por ter cedido as suas energias.
- Mas os opostos ao referido são verdade:
- O Homem não tem um corpo distinto da sua alma, uma vez que, aquilo que se chama corpo é uma porção da alma discernida pelos cinco sentidos, seus princípios umbrais nestes tempos.
- A energia é a única vida e provém do corpo. A razão é a fronteira ou o perímetro da circunferência da energia.
- A energia é eterno prazer” (Blake, 2003: 4).

Neste último trecho, Blake afasta o cânon literal da teologia crística que fratura a realidade global em bem e mal. Parece assim, que ao referir-se à voz do Diabo, o autor está, na verdade a conceptualizar os fundamentos do pensamento andrógino simultaneamente escatológico e apocalíptico, ou seja dos finais dos tempos, da Revelação. Não será despiciendo o facto de Blake ao expor tal entendimento o faça na voz do Diabo ou se quisermos e pensamos na voz do Lucifer. Como já supra-escrito, o anjo caído é concebido também no pensamento Blakeano como um ente assexuado e andrógino à imagem do concebido.

<sup>5</sup> Para efetuarmos esta tradução dos excertos citados desta obra foi consultado um fac-similado do manuscrito original publicado online (ver referência final).



Relembremos que o *Fausto* de Goethe também apresenta uma certa afeição literária pela voz deste “diabo” gerador, personificado em Mefistófeles. Goethe encara a humanidade desprovida de capacidade de se miscigenar com a face feminina da Natureza. Em Goethe, a ascensão da alma humana passa pela adesão das faces masculina e feminina em perfeita harmonia. Nesta obra, Goethe encena o óbice do espelho da alma de Fausto: a sua incapacidade de fazer refletir limpidamente a luz feminina do seu ser. No *Fausto* de Goethe lemos pinceladas de simpatia pelo Caído Anjo Demonizado Mefistófeles. Nesse quadro dramático o Diabo dramatiza a potência de oposição e negação ao Pai Divino e da sua “*Vitae Opus Magna*”. A imobilidade, a morte e a inalcançável redenção são os seus motes. Não obstante é esse papel tenebroso que enfatiza a Luz e lhe dá mais intensidade colaborando assim com Deus. A metafísica do drama goethiano vai beber de Giordano Bruno, Jacob Böhme e de outros autores que salientam o papel do mal como contrapeso da criação Cósmica (“*Todo-Uno*”).

## 7. A ANDROGINIA POR TRILHOS CABALÍSTICOS

Segundo a interpretação de Libis, no seu artigo “*L’Androgyne et le Nocturne*”, quando Jakob Böhme reflete sobre a natureza do Homem primordial, o Adam Kadmon, antes da Queda, entende-o como um ser perfeito, “um andrógino possuindo exaustivamente duas dimensões ontológicas, a masculina e a feminina” (Libis, 1986: 13). Todavia, Böhme refere essas duas dimensões como tinturas sexuais (*tincturae*) e nunca alude ao carácter hermafrodita do Adam Kadmon já que segundo ele “no Céu não existem nem homens nem mulheres” (Böhme citado por Libis, 1986: 14).

No cruzamento destes mesmos conceitos, Helena Blavatski vai mais além e na sua obra *A Doutrina Secreta. Síntese da Ciência da religião e da filosofia*, diz:

“Todos, incluindo as Hierarquias superiores e inferiores, emanam da Virgem Celeste, a Grande Mãe em todas as religiões, o Andrógino, o Sephira Adão Kadmon. Sephira é a Coroa, Kether, mas somente no princípio abstrato, como um x matemático, a quantidade desconhecida. No plano da Natureza diferenciada, ela é a imagem feminina de Adão Kadmon, o primeiro Andrógino. A Cabala ensina que o *Fiat Lux* se refere à formação e à evolução dos Sephiroth, e não à luz como o oposto das trevas.

Diz o Rabino Simeão:

“Oh! companheiros, companheiros! O homem, como emanção, era ao mesmo tempo homem e mulher, Adão Kadmon verdadeiramente, e este é o sentido das palavras ‘Faça-se a Luz, e a Luz foi feita’. E é este o homem duplo” (Blavastki, 1973: 416).

Nesta linha de pensamento, considerando o aspeto místico hebraico, André Van Lisebeth acrescenta, na sua obra *Tantra, o culto da feminilidade*: Conforme a tradição cabalística oral, Deus é macho e fêmea ao mesmo tempo, macho e fêmea indissolúvelmente unidos: Shiva e Shakti? A shekina é a “presença divina”, “o véu do desconhecido”, a “Mãe das origens, o espaço materno”. Para a Cabala, toda a mulher representa a shekina e é indirectamente protegida por ela, assim como a shakti do tantra (Lisebeth, 1994: 114).

No âmbito da Cabala, a trave axial que divide o Bem e o Mal é traduzida pela distância entre o sefirote Malkut e Keter. O sefirote Keter é a primeira emanção da manifestação divina e assim é entendido numa ótica primária como o bem. Por sua vez, Malkut, reino da manifestação, é o sefirote mais distante de Keter e da mesma forma imediatista considerado o Mal. Numa visão mais fundada Malkut não traduz efetivamente o Mal uma vez que é na verdade pensado como a presença feminina de Deus nos elementos empíricos, ou seja, aquilo que é designado de Shekina. Deve sublinhar-se que esta presença divina no mundo empírico é o palco do drama de toda a evolução espiritual do Homem no seu caminho para o divino.

Para o cabalista Brian Lancaster, “A rainha Shekina personifica a rainha que procura reencontrar-se com o seu rei consorte, a divina emanção de Tiferet. Muitos aspetos da prática cabalística estão alinhados em direcção a este casamento divino e desta forma visando reencontrar a reintegração de todo o Ser Divino” (Lancaster, 2006: 79). Diz o mesmo autor: “A Shekina é identificada com a Lua arquétipo do símbolo feminino e a perfeição da Lua (Malkut) é atingida quando aquela se une com o Sol (Tiferet). Para que isto aconteça o canal que liga Tiferet a Malkut tem de funcionar corretamente.” (Lancaster, 2006: 79). Esta metáfora alquímica transporta a miscigenação entre os Reinos do Céus e o Reino da Terra, ou seja, a verdadeira meta do ser andrógino. Logo o ser andrógino é o ser harmonioso, perfeito.

## 7. ENTRE CÉU E TERRA: O PODER GERADOR DA DUALIDADE

“Eu formo a luz, e crio a escuridão;  
Eu faço a paz, e crio o mal.  
Eu sou o Eterno que tudo faz” Isaías (45: 7).

Nas tradições monoteístas a cisão do género aparece protagonizada por um anjo, o mais belo de toda a criação, o portador da Luz, Lucifer, que, por exemplo, de acordo com o Alcorão, foi precipitado no abismo devido ao seu desmesurado orgulho. Metamorfoseado na serpente leva o casal original à consciência da nudez fragmentária. William Blake plasma em aquarela o anjo caído na sua forma inicial: destinado a ser o príncipe deste mundo (*Satan in the original glory*, William Blake, c. 1805).

A manifestação holística da figura satânica é uma concepção que é retomada por Pierre Deghaye, no seu artigo “L’homme virginal selon Jakob Böhme” (Deghaye citado por Faivre e Tristan, 1986). Teorizando de Böhme, explica que os anjos têm forma humana e que o mais belo é de facto Lucifer que representa na perfeição a faceta Humana. Porém, o autor não categoriza Lucifer enquanto homem ou mulher. Isto porque os anjos não são sexuados, sendo resultado de um processo evolutivo que separou os contrários para os unir de novo numa nova qualidade, talvez um terceiro género: “Os anjos não são sexuados, embora a forma humana que tenham revestido apareça no término de um processo que fez opor virtudes masculinas e qualidades femininas para as unir de seguida” (Deghaye, 1986: 159).

Contudo, essa etapa final só era conseguida, segundo o que argumenta Deghaye, com o alcance da Sabedoria, vedada ao comum dos mortais, pois só nela reside a

plenitude divina: “Toda a finalidade da economia divina está na plena manifestação da imagem. Esta concretiza-se em três momentos, primeiro no céu dos anjos, depois no corpo glorioso de Adão, e por fim na pessoa do Cristo e dos seus irmãos” (Deghaye citado por Faivre et Tristan, 1986: 159).

Assim, embora Lucifer seja um anjo e detenha inicialmente a forma humana, segundo esta linha de pensamento, acaba por perder esse corpo glorioso de luz quando perde o sentido da integração plena da Sabedoria: “Logo, Lucifer, uma vez caído, nem é macho nem é fêmea, é puro nada” (Deghaye citado por Faivre et Tristan, 1986: 162). A maldição deste anjo caído é a de não mais poder encarnar. Pois, ao deixar a Luz e entrar nas Trevas deixa de poder apreender o mundo da Luz porque dela será seu prisioneiro. Há que salientar que estas trevas não são as Trevas originais, as que precedem a Luz. Logo, só o corpo terrestre é capaz de objetivar a dualidade universal porque tem a capacidade de discernir a Luz das Trevas, o Bem do Mal. Por sua vez, constatamos que estas dualidades acabam por intrinsecamente se ligar à questão dos sexos, visto que, a cisão do ser andrógino Primordial se dá quando Adão e Eva provam do fruto proibido que simboliza a consciência do bem e do mal. Todavia, esta dualidade dos sexos, da natureza em si, não é uma novidade para o universo cósmico onde foi criado o Ser Humano. Na verdade, sempre existiu: Terra e Céu, fogo e água, luz e trevas. A famosa *coincidentia oppositorum* de que falam Carl Gustav Jung e Mircea Eliade. Assim sendo, ao casal humano equivaleriam analogicamente outros conjuntos de oposições presentes na natureza. O processo alquímico dos opostos traduz necessariamente a obtenção de um novo estado, de uma nova fórmula, que conduzem a características inovadoras e perfeitamente distintas dos seus estados originais como o repara Mircea Eliade na sua obra *Méphistophélès et l'Androgyne* (Eliade, 1962: 153). Pois, “O andrógino conduz-nos além tempo e do espaço, além das paixões, ao domínio dos Arquétipos” (Péladan, 2010: 63). No capítulo “L’Homme Virginal selon Jakob Böhme” da revista *L'androgyne* (1986), Deghaye acrescenta ainda que segundo os princípios de Böhme: “o fogo é viril, a água é feminina. A alma viril é o fogo, o corpo provém da água. (...) Outro símbolo feminino, a terra filha da água. A terra representa, ela também todos corpos que são formados por água. (...) O fogo viril não é apenas fecundante. Nele próprio, o princípio masculino é o fogo devorador” (Deghaye, 1986: 168-169).

À origem da Humanidade está sempre associada a fragmentação de uma totalidade donatária de uma visão bipolar do Mundo ao ser humano. Contudo, e embora esta fratura seja geralmente atribuída a algo externo a Deus, o certo é que esta conceção colide com a conceção cosmológica de um Deus onipotente exclusivamente bondoso, já que para haver equilíbrio o Universo tem de buscar um ponto de apoio e se conciliar num constante mar de oposições. Logo, para haver luz é necessária a escuridão, para haver bem é necessário o mal pelo que assim se compreende a passagem bíblica “Eu formo a luz, e crio a escuridão; Eu faço a paz, e crio o mal. Eu sou o Eterno que tudo faz”, Isaías (45: 7).

## 8. A RESTAURAÇÃO DO ANDRÓGINO MUTILADO

Desde sempre o homem quis encontrar o seu encaixe perfeito na constituição cósmica, numa reposição da Unidade. Um dos exemplos é o redescobrimto das proporções matemáticas do Ser Humano no século XV que conduzem ao Renascimento Italiano. O génio de Leonardo da Vinci terá superado o de *Vitrúvio* ao conseguir encaixar, dentro dos padrões matemáticos esperados, as proporções do corpo humano dentro da figura de um quadrado e um círculo. O *Homem de Vitrúvio* é um desenho que simboliza a perfeição, mas paradoxalmente, em assimetria do corpo humano estendendo-se para o Universo como um Todo.

O andrógino perdido, mutilado, é um pensamento marcante e crucial que, sem ser intrusivo, é de facto recorrente que não só tem viajado ao longo do tempo, entranhando-se nos mitos, religiões, culturas e civilizações. O ser andrógino parece ter assombrado inconscientemente o Homem incompleto e mortal que intui, tal como Freud, nos seus ensaios intitulados *Essais de Psychanalyse*, que “a sexualidade e as diferenças sexuais certamente não existiam na origem da vida” (Freud, 2001: 52), motivo pelo qual a ideia de um regresso ao andrógino primordial coincide no imaginário coletivo com a visão do “Fim dos Tempos” ou Apocalipse, momento em que supostamente será restaurada a “Unidade perdida” (Libis, 1986: 20). A este propósito e, segundo as teorias rosacrucianas, Max Heindel afirmou o seguinte:

(...) fisicamente, já fomos um dia hermafroditas como as plantas, e capazes de criar por nós mesmos. Olhando para o futuro através da perspectiva do passado, percebemos que a atual condição unissexual é somente uma fase temporária de evolução e que, no futuro, toda nossa força criadora deverá ser dirigida para cima a fim de sermos espiritualmente hermafroditas e capazes de objetivar nossas ideias e pronunciar a palavra vivente que nos dotará de vida e nos fará vibrantes com energia vital. Esta dual força criadora, assim expressa pelo cérebro e pela laringe, é o “elixir vitae” que surge da pedra viva do filósofo espiritualmente hermafrodita. (Heindel, s/d: 51).

Conquanto, o Homem vê segundo aquilo que é. O ser humano só é capaz de ver o Mundo segundo a sua condição e as suas limitações “morfo-antropológicas.” “Ele é uma substância, uma carne” (Deghaye, 1986: 160). Os seus poderes correspondem à formação do seu olhar. Impaciente, o homem do aqui e do agora vive agrilhado às determinações do corpo, do tempo e do espaço, vislumbrando de forma confusa as solicitações do andrógino, sem que por isso as veja realmente e as compreenda, embora já se manifestem na psique humana de forma natural. Assim, enquanto o ser humano não evoluir para um estado diferente, está condenado a ser um ser sexuado e a continuar entrementes a viver na expectativa. Entretanto, do alto da sua ambiguidade, a Esfinge de Gizé continuará a sorrir para a Humanidade como se, misteriosamente, soubesse “um dia, no futuro, vir a reconstituir a sua unidade sexual, sendo simultaneamente homem e mulher” (Péladan, 2010: 19).

## 9. CONCLUSÃO

Em quase todos os contos mitológicos ou sagrados, a androginia apresenta-se como um estado nostálgico original que outrora representava a totalidade harmoniosa que se perverteu posteriormente, por uma qualquer força maior (quase sempre resultante de um castigo divino que difere de mito para mito), que engendrou os opostos. Assim, se dá a “*divisio naturae*” (Bertin, 1986: 94), o rasgo da Unidade Primordial: no aparecer do casal original, macho e fêmea. Este relato aparece em escritos de diversas variantes e assinala a “*queda original*”, o declínio e consequente degradação do Homem universal. “Mutilado” em homem e mulher, dividido e incompleto, passam a viver fragmentados, condenados a um estado purgatório e catártico, numa constante busca da outra fração de Si, em ânsia de nova fusão. Com efeito, um dos traços fundamentais do universo mítico é a saudade de um tempo perfeito onde os ancestrais gozavam de uma plenitude superior, próxima da divina, pois fruía não só de uma elevação espiritual superior, como também, de unidade quanto à sua natureza de género física e espiritual. “O Homem de então, «*in illo tempore*», participava pela sua própria natureza, no jogo das forças cósmicas, das quais ainda se encontrava «*próximo*»” (Libis, 1980: 81). Ora, esta aproximação entre o Divino e o Homem Primordial, também designado cabalisticamente por Adam Kadmon, foi apenas alcançada através da sabedoria e do bem-estar antes da Queda, da perdição.

Em Gizé a Esfinge sorri para o seu futuro ilimitado; ela reconstituiu a sua unidade sexual, sendo homem e mulher, ela sabe que dirige o seu olhar para um novo amanhecer em que brilhe o sol unificador primordial. Parece-nos, no entanto, inalcançável, utópico, indesejável e até deletério tentar definir a androginia plasmada num retórico processo evolutivo linear em vista a um possível estado final concreto.

## REFERÊNCIAS

- Bertin, F. (1986) *De la Division de la Nature: Periphyseon*, Paris: Presses Universitaires de France.
- Blavastsky, H. P. (1973) *A Doutrina Secreta. Síntese da Ciência da Religião e da Filosofia*, 1, São Paulo: Editora Pensamento.
- Blake, W. (2003) *O casamento do Ceú e do Inferno*. C. I. d. Hermes (Ed.), disponível em <http://portugues.free-ebooks.net/ebook/O-Casamento-do-Ceu-e-do-Inferno/pdf/view>, consultado em 22/07/14.
- Borgeaud, P. (1996) *La Mère des Dieux. De Cybèle à la Vierge Marie*, Paris: Seuil.
- Brown, D. (2004) *O Código da Vinci* (2 ed.), Lisboa: Bertrand Editora.
- Boyer, R. (ed.) (2011) *Poeiras de Absurdidade Sagrada. Livro Solar*, (A. Marques, Trans.), Sintra: Zéfiro & Arcano.
- Centeno, Y. K. (ed.) (1987) *Literatura e Alquimia, Ensaios*, Lisboa: Editorial Presença.

- Coelho, Z. Pinto & Fidalgo, J. (eds) (2013) *Comunicação e Cultura: II Jornada de Doutorandos em Ciências da Comunicação e Estudos Culturais*, 70-83, disponível em [http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/article/view/1662](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/1662), consultado em 22/07/14.
- Dulaure, J.-A. (1998) *O Culto do Falo*, Lisboa: Hugin.
- Durand, G. (1992) *Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire*, Paris: Dunod.
- Deghaye, P. (1986) "L'Homme Virginal selon Jakob Böhme", *L'Androgyne, Cahiers de l'Hermétisme*, Paris: Albin Michel: 155-196.
- Eliade, M. (1964) *Méphistophélès et l'Androgyne*, Paris: Gallimard.
- Freud, S. (2001) *Essais de Psychanalyse*, Paris: Petite Bibliothèque Payot.
- Heindel, M. (s/d) *Maçonaria e catolicismo*, F. Rosacruz (Eds.), disponível em [http://www.fraternidaderosacruz.org/mh\\_mec\\_port.pdf](http://www.fraternidaderosacruz.org/mh_mec_port.pdf), consultado em 22/01/2013.
- Keynes, G. L. & Blake, W. (1956) *Engravings by William Blake: The Separate Plates*, Dublin: Walker.
- Lancaster, B. L. (2006) *The Essence of Kabbalah*, Berkshire: Arcturus.
- Libis, J. (1980) *Le Mythe de l'Androgyne*, Paris: Berg International Éditeurs.
- Libis, J. (1986) "L'Androgyne et le Nocturne", *L'Androgyne, Cahiers de l'Hermétisme*, Paris: Albin Michel, pp. 11-26.
- Lorenzi-Cioldi, F. (1993) "Après les Genres: L'Androgynie", *Aprendizaje, Revista de Psicología Social*, 8 (2): 153-170.
- Lysebeth, A. V. (1994) *Tantra, o Culto da Feminilidade, Outra Visão da Vida e do Sexo*, São Paulo: Sumus.
- Paglia, C. (1993) "Sexo e Violência ou Natureza e Arte" (Cap. 1), *Personas Sexuais - Arte e Decadência de Nefertiti a Emily Dickson*, (3ª ed.), São Paulo: Companhia das Letras.
- Péladan, J. (2010) *De l'Androgyne*, Paris: Editions Allia.
- Pessoa, F. (1997) *Livro do Desassossego*, G. Papilante (Ed.), disponível em [http://www.planonacional-deleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e\\_livros/cle000022.pdf](http://www.planonacional-deleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/cle000022.pdf), consultado em 22/07/14.
- Santos, A. J. R. D. & Tavares, E. F. (Jan. 2014). "Energia é Eterno Deleite": a Figura Satânica em Eterno Matrimônio de Céu e Inferno, de William Blake", *Revista Estação Literária*, 12, disponível em <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL12-Art7.pdf>, consultado em 04/07/14, pp. 123-142.
- Schock, P. A. (1993) *The Marriage of Heaven and Hell: Blake's Myth of Satan and its Cultural Matrix*, In: *ELH*, vol. 60, no. 2, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 441-470.
- Singer, J. (1990) *Androginia: Rumo a uma Nova Teoria da Sexualidade*, São Paulo: Editora Cultrix.
- Torrano, J. (1995) *Hesíodo: Teogonia, A Origem dos Deuses*, São Paulo: Iluminuras LTDA.